

## “CADA UM SABE A DOR E DELÍCIA DE SER O QUE É...” - NARRATIVAS DAS TRAVESTIS ACERCA DOS ESPAÇOS ESCOLARES

Célio Silva Meira <sup>1</sup>

### RESUMO

No presente texto, tomamos como essência, analisar os relatos apresentados pelas travestis no que tange às suas experiências com a escolaridade formal a partir de entrevistas semiestruturadas. Buscamos problematizar as questões que envolvem a inclusão das diferenças nestes espaços, objetivando o apontamento de possibilidades de formulação de critérios para a convivência destas na instituição escolar, respeitando as devidas orientações de gênero inerentes à pessoa humana. Para o desenvolvimento deste trabalho, tomamos como base os Estudos Culturais, os Estudos Feministas e de Gênero, os Estudos Gays e Lésbicos, a Teoria Queer, dando especial atenção àqueles autores/as que se articulam à perspectiva pós-estruturalista.

**Palavras-chave:** Hostilidade. Escola. Travestis. Alteridade.

### 1 INTRODUÇÃO

A sexualidade e suas diversas facetas é um tema que quebra conceitos seculares e reacende a discussão sobre o respeito aos diferentes, a exemplo das travestis. E aqui, nos cabe perfeitamente o uso da frase da canção de Caetano Veloso “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

Percebemos, durante a caminhada de docente junto a alunos/as da Educação Básica, mais especificamente nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, um número reduzidíssimo de alunos/as travestis matriculados/as e frequentando as aulas. Ademais, o direito à educação abrange a permanência saudável do/a aluno/a na escola, o que não tem ocorrido com as minorias, principalmente entre aqueles e aquelas que fogem do paradigma binário da heteronormatividade.

Desse modo, este texto tem como propósito conhecer as narrativas escolares de travestis, buscando problematizar e discutir a diversidade sexual, o sexismo e a homofobia no contexto da escola. Para tanto, foi utilizada como metodologia de pesquisa a investigação narrativa, através da realização de entrevistas individuais semiestruturadas, a fim de

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social – UCSal- Membro do grupo de pesquisa DSN (Desenvolvimento, Sociedade e Natureza). E-mail: celiomeira2014@gmail.com

verificarmos os aspectos que influenciam o processo de evasão escolar de travestis. Nessa perspectiva, a realização das entrevistas nos possibilitou conhecer experiências vividas pelas mesmas no contexto da escola, um ambiente acolhedor para as maiorias, mas hostil para as minorias, a exemplo desses sujeitos retratados aqui. Os dados/relatos obtidos através das entrevistas foram usados no decorrer deste texto, a fim de ilustrar as diversas situações de violência à qual as minorias ainda sofrem na contemporaneidade. Os nomes das entrevistadas foram substituídos por pseudônimos a fim de evitar constrangimentos às mesmas. Para esta pesquisa, foram realizadas cinco entrevistas com estudantes e ex. estudantes travestis das escolas públicas do território de identidade do Sudoeste Baiano.

Para o desenvolvimento deste trabalho, tomamos como base os Estudos Culturais, os Estudos Feministas e de Gênero, os Estudos Gays e Lésbicos, a Teoria Queer, dando especial atenção àqueles autores/as que se articulam à perspectiva pós-estruturalista.

Os resultados ora aqui apresentados, poderão se tornar um recurso a ser consultado para que sejam traçados caminhos a serem percorridos na escola, a fim de pensar e promover ações que minimizem o preconceito, a discriminação e conseqüentemente a evasão escolar das travestis e outras minorias sexuais, garantindo direitos não respeitados, como a universalização da escola pública a todos/as os brasileiros/as.

## **2 DESENVOLVIMENTO E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS**

No decorrer da história, as mais diferentes sociedades sempre tiveram seus “monstros”. Seja no campo econômico, social, sexual, religioso, étnico, físico, ideológico ou em qualquer outro aspecto, sempre elegeram pessoas, padrões e operaram em uma relação de repulsa pelas diferenças. Índios, negros, gays, lésbicas, cegos, loucos, pobres e travestis. Alguns dentre tantos monstros que vagam em nossa sociedade, uma sociedade na qual não há senhas para seu ingresso em diferentes lugares. Lugares como a instituição escolar.

Discute-se na atualidade a imprescindibilidade em problematizar as questões referentes às políticas de inclusão das diferenças dentro dos espaços escolares, reportando aos aspectos históricos, sociais e culturais imbricados na produção dos saberes e poderes que permeiam tais relações. As travestis, pessoas que nasceram com o sexo biológico masculino, mas que constituíram uma identidade de gênero feminino no decorrer de suas vidas compõem um destes grupos, tornando-se marginalizadas na sociedade, em função de seus comportamentos que fogem aos padrões heteronormativos e ao que o senso comum percebe como normalidade. Bohm (2009) nos adverte que:

A escola, enquanto instituição constituída a partir destes padrões sociais, e historicamente voltada à reprodução e garantia de suas lógicas, em não sendo capaz de normatizar as referidas identidades, acabará, possivelmente, por excluí-las ou expulsá-las de seus espaços. (BOHM, 2009, p. 13)

Cohen (2000, p.33) em seu ensaio sobre a monstrosidade, aponta que “representar uma cultura previa como monstruosa justifica seu deslocamento ou extermínio, fazendo com que o ato de exterminar apareça como heroico”.

Destarte, conceituar a travestilidade como uma monstrosidade, e conseqüentemente, as travestis como monstros, acabam por servir como argumento para a prática do exercício da violência e da intolerância para com esta população, frente a não aceitação do diferente, daqueles que não cabem nas normas criadas socialmente para cada segmento de gênero. Vários dos relatos ora aqui apresentados apontam o exercício diário de enfrentamento de resistência por partes deste segmento social.

Essas resistências vão desde olhares estupefactos, aos comentários cretinos, ao assédio moral, psicológico e físico vivenciados cotidianamente. Nestes casos, o marcador identitário do gênero se sobrepõe a categoria humana, onde acaba resultando numa vida marginalizada, sub-humana. Diante disso, a interação destas pessoas em espaços institucionais, a exemplo das escolas, torna-se uma experiência extremamente cruel, uma vez que a permanência delas nestes espaços, quando se mantém, é constantemente atravessada pela hostilidade, pela imposição de modelos de vida e de condutas heteronormativas, que reiteram a ideia da representação travestir como anormal, não natural e monstruosa.

Diante do atual cenário social, nos cabe ressaltar que as discussões envolvendo as questões identitária e de gênero vem aparecendo nos trabalhos dos mais diversos teóricos: Hall (2000); Silva (2000); Woodward (2000); Miskolci (2016); Preciado (2017). Onde a visão de uma identidade única, centrada e homogênea vem sendo paulatinamente substituída por uma percepção heterogênea das pessoas. Coadunando com o pensamento de Bauman (2005) onde afirma que:

[...] a pós-modernidade é marcada por uma visão de mundo como totalmente pluralista [...], ou por uma ideia de ser humano fragmentado e multifacetado, onde palavras como diferença, diversidade e identidade fazem parte dos debates atuais sobre as identidades sociais. (BAUMAN, 2005, p. 35).

Segundo Hall (2000) nenhuma identidade é unificada, centrada, fixa, e sim, construídas de maneira nômade, itinerante e contraditória no decorrer da vida humana. Nenhuma identidade obedece necessariamente a padrões normativos, regra previamente estabelecida, com isso, toda e qualquer identidade é cambiante. Os sujeitos apresentam-se e constituem-se de diversas maneiras frente à sociedade, aos seus grupos sociais, sejam eles

familiares ou escolares. No entanto, a sociedade atua em perspectiva heteronormativa, compreendendo as práticas e relações heterossexuais como dadas, compulsórias e naturais, na qual características são desejadas, esperadas e ensinadas para os dois únicos gêneros compreendidos pela lógica do binarismo feminino ou masculino.

Nessa esteira de pensamento, determinados critérios são aceitos e ensinados através de uma série de pedagogias e instituições sociais, tais como: a família, a escola, a mídia dentre outros. A escola, para a qual se destina esta análise ora aqui proposta, é justamente o local onde as diferenças não são aceitas, esta, tem o papel social de formatar os seres humanos que por ele passam, aqueles que ousam não seguir suas regras claramente colocadas pagam um preço por tal desobediência.

A escola corrobora com os comportamentos que podem ou devem ser desempenhados para cada gênero dentro da sociedade. No que diz respeito à construção da masculinidade, por exemplo, é veemente negada qualquer nuance socialmente determinada para o gênero feminino. Aos meninos, são vetadas as brincadeiras voltadas à maternagem e aos cuidados domésticos, bem como qualquer manifestação de sentimentos e de sensibilidade. Via de regra, meninos são educados e autorizados desde cedo a expressarem agressividade, agirem com competitividade e desenvolverem o raciocínio lógico-matemático. Perceba como esse pensamento se faz presente no chão da escola, no depoimento a seguir de uma de nossas entrevistas:

Quando eu tinha uns onze anos de idade, certa vez na escola um, um garoto de outra série, mais avançada do que a minha, me chamou de “viado”, eu revidei e ele me deu um murro e arrebitou o meu nariz na hora do intervalo, eu vim parar na secretaria da escola, com o nariz sangrando e muito dolorido, a diretora quis saber o que havia acontecido, e enquanto eu tentava explicar o que o menino tinha feito comigo, a auxiliar de disciplina chegou e disse na frente de todos, que era bem feito pra mim, pois, só assim, eu tomaria vergonha na cara e parava de agir como uma “menininha”. Ou então procuraria o meu lugar e parava de importunar os outros. Resultado: chamaram a minha mãe na escola e acabou distorcendo a história e o menino agressor nem suspenso foi, disseram que foi um mal entendido, coisas de crianças. E mais uma vez eu fiquei sendo alvo de chacotas de todos. (Érica, 19 anos).

Quando deste depoimento, percebemos na reação da auxiliar de disciplina, ao dizer: “*tomar vergonha na cara*”, “*parar de agir como menininha*” ou “*parar de importunar os outros*”, nada menos do que, aqui, definitivamente não é lugar para você, a escola não é ambiente para o diferente, você destona a harmonia do lugar. E, é dessa forma que gays, lésbicas e travestis são tratadas nos ambientes de ensino, há todo momento são “convidados” a se retirarem, a serem excluídos do processo.

Vejamos, no depoimento de Dandara, como a escola formata seus alunos aos modelos sociais preestabelecidos:

Eu convivo com discriminação, preconceito desde os meus 12 anos de idade, quando percebi a minha sexualidade gay. Quando resolvi assumir o que eu realmente era, virei alvo de chacotas em todos os ambientes, inclusive na minha casa, meu pai me deu uma surra que acabou quebrando o meu dente. Mas o pior de tudo, eu achei, foi quando deixei minhas unhas crescerem, elas eram lindas. Um dia a minha professora de Matemática chegou na sala com uma tesoura na frente de todos os meus colegas querendo cortar as minhas unhas. Todos começaram a gritar carta! Corta! Só assim ele vira homem professora. Claro que não deixei e na hora me deu um ódio que mandei tomar no cu e nunca mais voltei naquela escola desgraçada. Apenas agora, com 20 anos de idade, voltei a estudar, estou na EJA. Hoje em dia, se uma desgraça falar qualquer coisa comigo eu viro no jiraiya. Não levo desaforo mesmo. Não estou aqui para comer H de ninguém. (Dandara, 20 anos)

Representações monstruosas, atribuições patológicas e reações de intolerância em relação às travestis são estratégias dos discursos e movimentos heteronormativos que geram toda uma reação social de violência e discriminação em relação às referidas identidades. A escola, em vez de acolher, respeitar as identidades de seus alunos, corrobora no que tange à promoção da cultura da exclusão, da marginalização.

A travesti Natasha nos relata sua experiência com o mundo da escola e os horrores por ela vividos:

Sempre, desde muito menino eu já sabia que eu era gay, e mais, sempre quis ser mulher mesmo. Comecei a usar batom, me maquiar, usar roupas femininas com os meus 15 anos. Minha mãe no início não suportava tal situação, meu pai faleceu quando eu tinha 14 anos, lá em casa somos quatro: eu, mais duas irmãs e minha mãe. Na escola, comecei a ter problemas, quando comecei a passar pela transformação, deixando de usar roupas de menino e passei cada vez mais usar roupas femininas. Um dia, o porteiro da escola juntamente com a vice-diretora me obrigou a tirar minha maquiagem na frente da escola, foi uma situação horrível, voltei pra casa e chorei horrores. Quando passei usar o banheiro das meninas, foi uma confusão com uma garota que era evangélica, a mãe dela foi à escola e fez uma baixaria, dizendo que a filha dela não ia usar o mesmo banheiro que um travestir usava que eu poderia esta com algumas doença a passaria para as meninas da escola. Nessa época, eu cursava o 1º ano do Ensino Médio, terminei o ano letivo e no ano seguinte não tive mais vontade de estudar. Tudo era muito complicado pra mim, não podia usar minhas roupas, não podia me maquiar, não podia usar o banheiro, não podia ser o que eu queria. Hoje, eu até penso em voltar a estudar, mas quando lembro que vou passar por tudo outra vez, desisto aquilo não foi feito pra mim. Sou negra, pobre, me deixa no meu lugar quietinha (Natasha, 30 anos)

Dessa forma, percebemos que a relação discriminatória será tão mais acirrada quanto mais variáveis de discriminação se fizeram presentes: ser pobre, ser negra, ser travestir. No caso do grupo aqui estudado, os marcadores identitário se estabelecem objetivando

representar um gênero feminino, já que as mesmas valem-se de atributos feminilizados (cabelos, roupas, adereços, modificações corporais como uso de hormônios e silicone, comportamentos femininos) em um corpo cujo sexo biológico é masculino. Tais procedimentos produzem grande estranhamento junto a uma sociedade que considera o sexo biológico diretamente relacionado à identidade de gênero. Assim sendo, tal perspectiva desrespeita uma ordem moralmente imposta, mistura e afronta a mencionada ordem. Benedetti (2005) com relação às identidades travestis acrescenta que:

As travestis constituem-se a partir de um feminino próprio, não um feminino mulher, mas do feminino travesti, parodiado, rebuscado [...]. As travestis constroem seus corpos e suas vidas em busca de um feminino, ou de algo que elas chamam de feminino. Em sua linguagem fêmina, elas querem ser mulher ou se sentir mulher. Se sentir mulher é uma expressão que por si só já traz algumas pistas de como esse feminino é concebido, construído e vivenciado pelas travestis. De fato, a maioria delas não se iguala às mulheres, nem tão pouco o deseja fazê-lo. O feminino travesti não é o feminino das mulheres, que também não pode ser pensado como algo monolítico. O feminino das travestis é um feminino que não se abdicar de características masculinas, porque se constitui em um constante fluir entre estes polos, quase como se cada contexto ou situação propiciasse uma mistura específica destes ingredientes de gênero. (BENEDETTI, 2005, p. 148)

A partir de tais considerações, torna-se possível dimensionar o impacto causado pela presença de tão subversiva identidade na sociedade e, em especial, na escola, deflagrando diferentes mecanismos de normatização e de exclusão deste monstro e de tudo aquilo que representa.

Considerando que o respeito no caso das travestis, em relação à escola, passa pela simples liberdade de uso de roupas e acessórios, padrões estéticos de sua escolha, como cabelos e unhas longas ou uso de prótese de silicone, chegando até o acesso ao banheiro feminino e utilização do nome social na chamada de aula bem como pela básica e complexa possibilidade de não ser submetida cotidianamente a situações de constrangimento e violência.

No depoimento a seguir, percebemos mais uma situação de violência e desrespeito praticada com Racquel no espaço escolar:

Eu cursava a 7ª série, e queria ser professora, fazer uma faculdade de Pedagogia, dar aulas, sempre gostei de estudar, gosto de ler, sempre leio alguma coisa, até hoje, não estando mais na escola. A escola fez um culto evangélico para comemorar o mês das mães, levou uma pastora para pregar, essa dita pastora, na hora do culto me chamou na frente da escola toda e disse que mesmo estando em pecado Deus me amava e que ia me tirar dessa vida de pecado em que eu me encontrava. Neste momento, minha professora de Ciências disse para a pastora que eu não tinha mais jeito não e todos começaram a fazer caras de risos e eu fiquei tão chocada que comecei a

chorar, a maldita pastora disse que eu tinha sido possuída pelo espírito de Pomba-Gira e que precisava ser exorcizada [...]. Eu já não estava suportando mais a escola e depois disso acabei desinteressando ainda mais e fui reprovada, com isso, deixei de estudar. (Racquel, 25 anos)

Todos esses relatos, memórias e informações, em um primeiro momento de forma quantitativa, e em momento posterior de maneira qualitativa, nos oportunizam uma análise da maneira pela qual a sociedade (e conseqüentemente a escola), interage com essas diferenças sexuais e identitária. Possibilitando a escuta desta população, que na maioria das vezes expressou altos níveis de sofrimento e sentimento de incredibilidade frente à instituição escolar e frente à sua própria capacidade de aprendizagem e de convivência dentro dos espaços escolares.

Aqui, nos cabe fazer uma observação, ainda de maneira bastante incipiente, em que as questões de gênero e de educação sexual estão sendo muito lentamente introduzidas nas práticas educacionais e na formação de profissionais da educação, tais ações, atenuaria as barbaridades cometidas com os seres humanos simplesmente por se comportarem de maneira que foge aos padrões éticos e morais de uma sociedade moldada nos ditames heteronormativos. Na sua grande maioria, tais questões ainda estão sendo delegadas às disciplinas de Ciências e Biologia. Em Silva (2000) com relação à presença de temáticas de sexualidade em currículos escolares, observa que:

A sexualidade, embora fortemente presente na escola, raramente faz parte do currículo. Quando a sexualidade é incluída no currículo, ela é tratada simplesmente como uma questão de informações certa ou errada, em geral ligada aos aspectos biológicos ou reprodutivos. (SILVA, 2000, p.108)

As escolas quando abordam alguma temática relacionada à sexualidade, são desenvolvidos temas voltados às diferenças entre os aparelhos reprodutivos femininos e masculinos e à prevenção de gravidez indesejada e DST/AIDS. Considerando-se ainda que tais abordagens ou são introduzidas como conteúdos curriculares pontuais, ou por meio de um convite de outros profissionais<sup>2</sup>, para a realização de eventos sobre a temática, tais como oficinas e palestras, nunca discutindo a temática de forma que venha a respeitar a diversidade humana, que é por natureza ímpar e heterogênea. Grande parte das escolas não tem conhecimento dos programas voltados à diversidade sexual. A forma ainda restrita e carregada de valores heteronormativos com que essa temática é tratada em nossa sociedade gera uma maior oferta de artefatos culturais que acabam por utilizar representações na lógica

---

<sup>2</sup> Geralmente médicos, enfermeiros, psicólogos etc.

de marcadores sociais e identitário hegemônicos (FURLANI, 2007). Tais marcadores acabam por definir como modelo o que é bom, correto, normal, socialmente aceitável.

### 3 CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas são as colocações feitas pelas travestis sobre a problemática em cursar uma escola regular. Apontam a dificuldade na efetivação da matrícula, instituída a partir de ações intransigentes não observadas em relação às demais matrículas; relatam desde a imposição de regras de vestimenta ou de impedimentos para o uso do nome social até a submissão a um torturante cotidiano de piadas, agressões verbais e até mesmo físicas; denunciam o isolamento e a segregação impostos pelos colegas e também, muitas vezes, por professores. Tal contexto produz uma crescente tensão nas relações escolares, consistindo desafios muitas vezes sequer identificados como parte do trabalho escolar, no sentido de inclusão e permanência nas instituições de tais sujeitos.

Os relatos obtidos a partir da pesquisa ora aqui desenvolvida com as travestis destacam a necessidade de mudanças em relação aos sistemas educacionais e a maneira como são tratadas as temáticas que envolvem sexualidade e diversidade sexual. Tais modificações são relacionadas a uma série de questões que envolvem os aparatos de ensino: temáticas incluídas ou ausentes nos currículos escolares; a formulação do Projeto Político Pedagógico das escolas; a necessidade de formação inicial e continuada dos/as educadores/as para o estudo sistemático de assuntos ligados à sexualidade e a diversidade sexual; e, as intervenções feitas pelos/as professores/as no que tange às violações e violências direcionadas às diversidades sexuais presentes nos espaços escolares.

Segundo Andrade (2012) a negação das travestis no espaço da sala de aula resulta no confinamento e na exclusão, que as transforma em desviantes e indesejadas. Quando isso ocorre no ambiente escolar, a pressão normalmente é tão intensa que impele as travestis a abandonar os estudos, sendo disseminada a ideia de que foi sua própria escolha. Esta justificativa tenta mascarar o fracasso da escola em lidar com as diferenças, camuflando o processo de evasão involuntária induzido pela escola.

### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma Nogueira. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa.** Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.



BAUMAN, Z. **Identidades**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2005.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda Feita**: o corpo e o gênero das travestis. (coleção sexualidade, gênero e sociedade). Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BOHM, Alessandra Maria. **OS “MOSNTROS” E A ESCOLA**: identidade e escolaridade de sujeitos travestis. Dissertação de Mestrado – UFRGS, Porto Alegre- RS, 2009.

COHEN, Jeffrey Jerome. A Cultura dos Monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Pedagogia dos Monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo horizonte: Autêntica, 2000.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual: do estereótipo à representação – argumentando a favor da multiplicidade sexual, de gênero e étnico-racial. In: RIBEIRO, Paula Regina; SILVA, Méri Rosane Santos; GOELLNER, Silvana. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Porto Alegre: FURG, 2007.

HALL, Stuart. Quem Precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes: 2000, p. 103-133.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica; UFOP, 2016. (Série Cadernos da Diversidade; 6).

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2.ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VELOSO, Caetano. Dom de Iludir. In: VELOSO, Caetano. **Totalmente Demais**. Rio de Janeiro: Polygram, 1986.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. ( Org). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes: 2000 p. 7-72.